

A FAMÍLIA LINGÜÍSTICA DO LATIM

2 aula

METAS

Apresentar as línguas com base na comunicação humana; apresentar a correlação pela qual as línguas podem ser agrupadas em famílias; demonstrar os elementos de origem comum entre elas; e situar o latim no contexto do grupo das línguas itálicas de onde provém o português.

OBJETIVOS

Ao final da aula, o aluno deverá conhecer como se originam as línguas naturais e como se organizam, historicamente, no espaço e no tempo; visualizar, situar e identificar as áreas geográficas de ocupação e difusão da família lingüística indo-européia; os fatores que possibilitam a organização das línguas em função da organização dos grupos humanos; e descrever como se processam as alterações/comparações entre línguas aparentadas.

PRÉ-REQUISITO

Noções de variação (geográfica, temporal e social) e mudança lingüísticas.

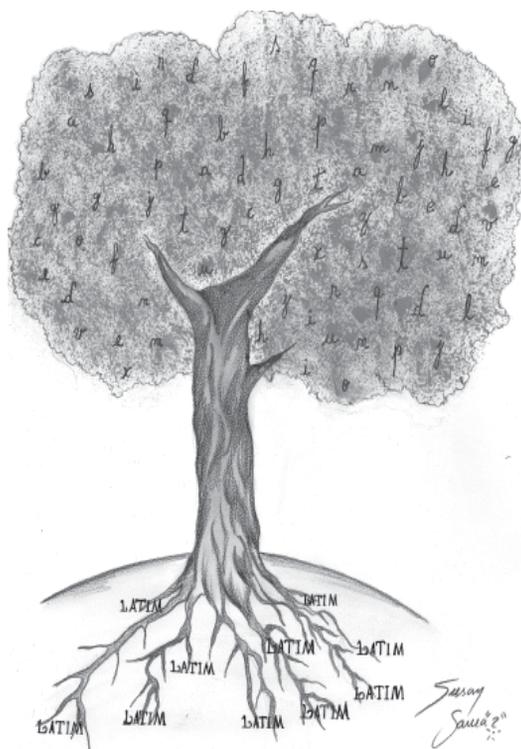


C aro aluno, na aula anterior, estudamos o aspecto dinâmico e evolutivo das línguas naturais. Vimos também que alguns historiadores das línguas admitiam a existência, em um período remoto, de uma língua-mãe (proto-língua ou língua-tronco) que avançou progressivamente no espaço e no tempo (através dos séculos), dando origem a ramos ou **famílias lingüísticas** espalhadas por toda a dimensão do planeta Terra. Nesta aula, veremos de que modo os historiadores construíram uma árvore lingüística, mais especificamente, a das línguas indo-européias.

INTRODUÇÃO

Famílias lingüísticas

Bloco lingüístico, um agrupamento classificatório de determinadas línguas aparentadas, por serem todas provenientes de uma única língua ancestral ou proto-língua.



A ciência lingüística, na sua perspectiva diacrônica, isto é, histórica, evolutiva, demonstrou que as línguas que se falam hoje, desde a Índia até o Atlântico, têm uma origem comum: chamam-se línguas indo-européias. Este fato se deve a processos migratórios diversos ao longo do terceiro e do segundo milênios antes de Cristo, na direção do leste e do centro da Europa. Nesses espaços geográficos, os povos indo-europeus dominavam **povos autóctones** e impunham a sua língua aos nativos vencidos.

Entre 1400 a 1000 a.C., uma fração desses povos acabou por se estabelecer na Itália (Península Itálica), dando origem a um sub-ramo dessa família indo-européia que, por sua vez, como veremos mais adiante, com mais informação e detalhe, dará origem ao latim.

O LATIM

Povos autóctones

Conforme Houaiss, autóctone é aquele que é natural do país ou da região em que habita e descende das raças que ali sempre viveram; aborígene, indígena.

Indo-européia

Atribui-se a vigência do indo-europeu por volta de 3000 a.C. O próprio indo-europeu consiste de línguas que se desenvolveram a partir de um proto-indo-europeu – modelo lingüístico genético – que tem por base as línguas: sânscrito (língua culta da antiga Índia, hoje sobrevive como língua sagrada dos hindus), o grego e o latim.

FAMÍLIAS LINGÜÍSTICAS

Uma família de línguas é constituída de idiomas que se originaram de um ancestral comum. Entre as várias famílias lingüísticas existentes no globo, a que nos interessa aqui, nesta aula, por razões expostas mais adiante, é a família **indo-européia** (denominada também por ariana ou simplesmente o indo-europeu).

O indo-europeu é uma língua (ou uma família lingüística) de existência real não atestada, mas é preciso postular a sua existência para explicar concordâncias, correspondências e semelhanças numerosas e precisas que se revelam entre a maioria das línguas da Europa e de várias línguas da Ásia.

Mas, se esta língua não teve sua existência confirmada, de que maneira, então, ela se originou? Quais as teses sustentadas pelos historiadores para explicar as semelhanças entre as línguas? Sobre a procedência, a origem, o “habitat” do indo-europeu (ou do povo ariano – os árias), são estabelecidas três teses: 1) aponta-se a Ásia

Central; 2) indica-se a Europa, havendo duas modalidades: ao Norte, nas regiões do Mar Báltico (Estônia, Lituânia e Letônia) ou na Escandinávia, ou ainda ao Sul da Rússia, ao Norte do Mar Negro; 3) a região fronteira da Ásia com a Europa, junto ao Cáucaso. Com as migrações, a unidade étnica dos árias se fraciona e com ela a sua língua. Então, parte da população emigra para a Europa, e a outra parte, para a Ásia.

A ÁRVORE GENEALÓGICA DAS LÍNGUAS

Quando os filólogos e lingüistas começaram a perceber que havia várias línguas semelhantes umas com as outras, eles construíram diagramas arbóreos (ou árvores genealógicas) para apresentar uma determinada família lingüística, como a que você pode consultar no endereço <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/tempolingua/04.html>.

Lá você poderá observar que o tronco lingüístico indo-europeu se bifurca em dois ramos: o ramo asiático e o ramo europeu, que, por sua vez, também se divide em dois braços: o braço norte (europeu do norte) e o braço sul (europeu do sul). É do braço sul o sub-ramo ítalo-céltico de onde provém (se origina) a língua latina (o latim).

Esta descoberta (de parentesco) só foi possível no século XIX, com o surgimento do método histórico comparativo (da Lingüística Histórica ou Comparativa), através de demonstrações de filiação ou parentesco entre as línguas do globo.

A técnica usada para a reconstrução lingüística consiste numa elaboração de concordâncias, correspondências e semelhanças (como já falamos antes) no vocabulário e na gramática. A elaboração de correspondências é uma simulação de processos de evolução que tem conduzido às diversas formas consideradas em exame. O ponto de partida da reconstrução é a comparação: o método comparativo é aquele que mais se utiliza na análise e descoberta de parentesco entre as línguas. Mas no curso da elaboração dos dados

para análise, é preciso freqüentemente pôr em ação um outro método conhecido como de **reconstrução** interna que consiste em simular uma evolução a partir de um único estado de língua, apoiando-se ainda sobre as tendências gerais da evolução e sobre a **tipologia** das línguas.

A justificativa teórica da reconstrução interna é que uma forma ou uma estrutura da língua em estudo não deve ser considerada apenas como empréstimo de uma outra língua, mas sobretudo como necessariamente herdada de uma dada língua ancestral.

Interna ou comparativa, a reconstrução se apóia necessariamente sobre uma dupla base tipológica: uma tipologia diacrônica (histórica, evolutiva) lhe fornece exemplos de mudanças lingüísticas atestadas naquela época histórica considerada; uma tipologia sincrônica (estado atual de uma dada língua) lhe propõe modelos de estruturas existentes e em funcionamento.

Toda reconstrução que transgride uma ou outra tipologia deve ser retomada e reconsiderada: não há nenhuma razão para se supor que as línguas pré-históricas funcionaram de outra maneira que as línguas de épocas posteriores ou atuais.

Assim, o número e a precisão das concordâncias, correspondências e semelhanças, em todos os **níveis do sistema** das línguas indo-europeias antigas, fazem do indo-europeu comum uma hipótese que se impõe ao pesquisador, aos estudiosos, mesmo que se tenha certeza de que ela não é uma realidade tangível. É de toda evidência que existiu uma família lingüística: o indo-europeu – tronco comum de onde deriva o latim que deu origem às línguas românicas, entre elas, o português.

Como exemplo, as seqüências abaixo revelam uma correspondência modelar, segundo um esquema freqüente: vejamos as línguas:

Grego	-	Latim	-	Gótico	-	Sânscrito	-	Eslavo
↓		↓		↓		↓		↓
Phrater		Frater		Brathar		Bhratar		Bratru

Reconstrução

[Interna de uma língua]- um elemento lingüístico é composto ou restituído à forma original de palavra simples. Assim, a palavra latina *recludere* foi refeita para *recludere*, a partir da forma conhecida e divulgada *claudere* – fechar em português.

Tipologia

[Lingüística] – classificação lingüística por afinidades (parentescos) e que assim são descobertas e permitem estabelecer a genealogia (árvore genealógica).

Níveis do sistema

Níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Sardo

Língua românica falada na Sardenha (Itália), na atualidade.

Provençal

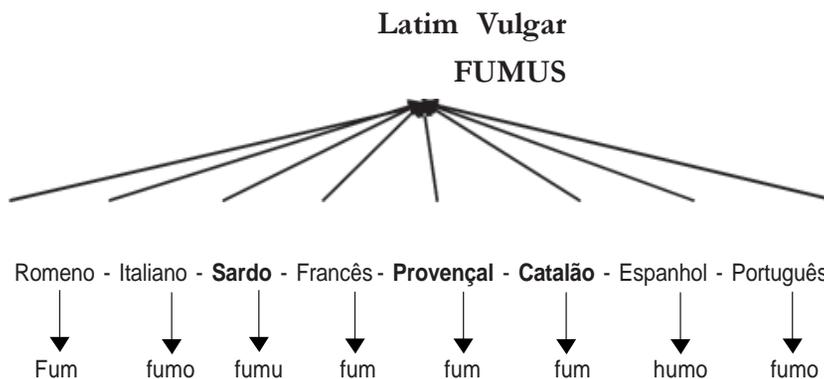
Língua românica, irmã do português, falada na Provença, região do Sul da França, também conhecida por “língua d’oc”. Obteve enorme prestígio cultural e literário na Idade Média, através dos conhecidos trovadores provençais.

Catalão

Língua românica tanto quanto o português, falada na Catalunha – Espanha, e em outras regiões como na França e na Sardenha (Itália).

Em português, deu o vocábulo “irmão”, mas sabemos que há o substantivo “fraternidade” e adjetivos correspondentes como “fraterno”, “fraternal”, semelhante à forma latina “frater”, significando, em sua generalidade, relações com irmão ou amigo.

Observe mais uma correspondência:

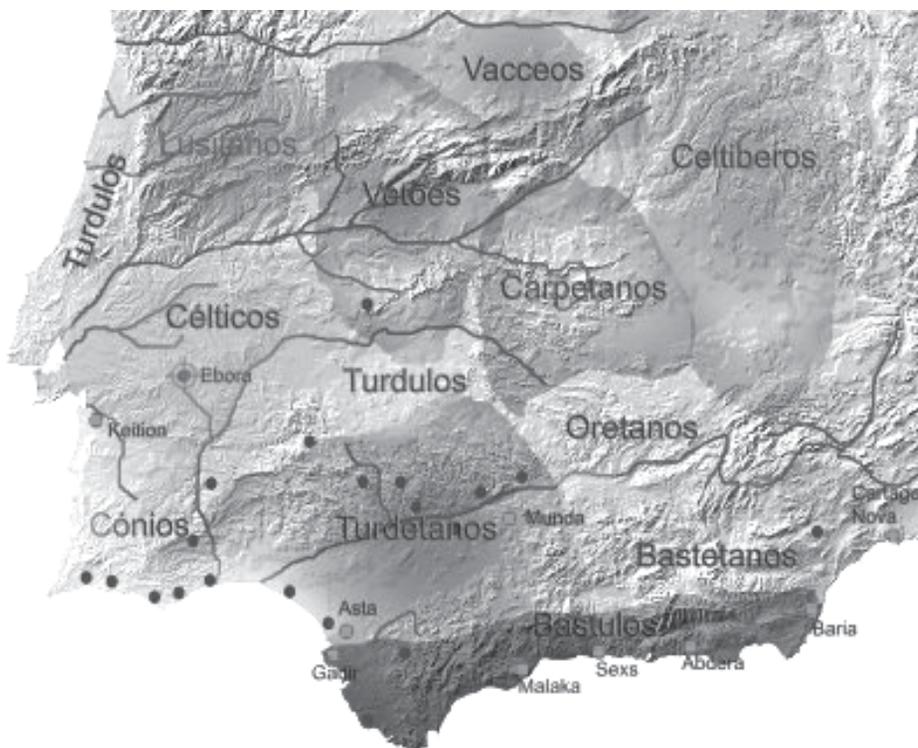


Enfim, a reconstrução de formas antigas de uma língua é o núcleo central de uma disciplina como esta que estamos iniciando, agora, denominada História da Língua Portuguesa.

Acabamos de apresentar, em linhas gerais, o que os historiadores das línguas entendem por proto-língua e família lingüística, sempre com a preocupação de não perder de vista o objeto deste curso que é a história do português ou a constituição da língua portuguesa como uma língua românica. Na passagem do latim para uma língua neolatina, interagem vários fenômenos de mudança que atuam sobre os sub-sistemas fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico das línguas envolvidas no processo de contato e de formação de uma nova língua. Esta é a situação por que passaram as línguas que compunham o proto-indo-europeu na sua passagem para o indo-europeu e, conseqüentemente, as línguas européias decorrentes deste tronco comum.

CONCLUSÃO

Na próxima aula, vamos continuar o tema da dispersão das línguas no mundo ocidental, enfatizando a situação da expansão do Império Romano e de sua língua: o latim.

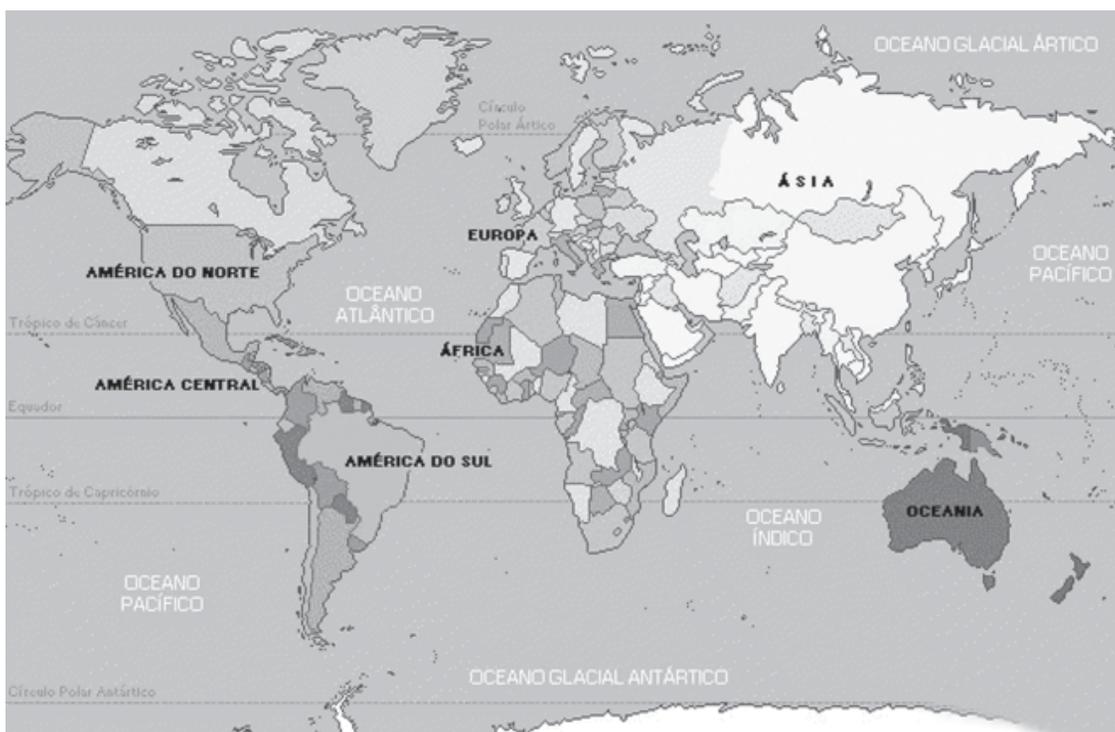


Mapa da Península Ibérica Pré-Romana (2ª metade do I milénio a.C.) (Fonte: <http://megapaisagens.blogspot.com>).

RESUMO



Historiadores e filólogos demonstraram que as línguas dos dois expoentes máximos da civilização da Antiguidade Clássica – o grego e o latim – tinham uma raiz comum com o sânscrito (língua dos antigos hindus na Índia). Então, deveria ter havido uma estreita conexão entre estas duas comunidades lingüísticas, bem antes de os gregos despontarem na história da cultura ocidental. Esta base ou tronco comum às línguas clássicas (grego e latim) remonta à família lingüística indo-européia (o indo-europeu). Tal família lingüística, por sua vez, pressupõe uma região de origem que, numa época histórica dada, serviu a ela de “habitat”, a partir do qual, por conseguinte, pode-se considerar como o “locus” de formação do tipo lingüístico indo-europeu que se dispersou pelo mundo ocidental. Com o avanço das experiências científicas neste campo de estudo lingüístico, tem-se procurado inferir da reconstrução do patrimônio léxico dessa língua-mãe o parentesco lingüístico com a maioria das línguas faladas na Europa.



Mapa Mundi (Fonte: <http://jornale.com.br>).



ATIVIDADES

1. Com base na leitura deste material para a segunda aula, redija um pequeno texto, justificando a denominação “indo-européia” para uma das famílias lingüísticas do globo.
2. O que entendeu por “proto-língua”?
3. Pesquise uma situação lingüística que comprove parentesco procedente do indo-europeu. (Veja a bibliografia apresentada).
4. Observe, com muita atenção, os mapas e procure localizar as regiões indicadas como procedência possível do ramo indo-europeu, na sua dispersão pela Ásia e pela Europa (isto é, as três teses)?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para melhor fundamentar a resposta da terceira atividade, consulte a obra de Ismael de Lima Coutinho, indicada na bibliografia, capítulo sobre a formação do léxico português e o de figuras de metaplasmos. O exemplo pode ser a partir da língua latina para algumas línguas românicas como o espanhol, o italiano, o francês e o português.

Para complementar as informações que os mapas em anexo possibilitam para melhor responder à questão de número quatro, o aluno deve procurar um mapa-múndi com detalhes sobre a Ásia e a Europa, a fim de uma mais ampla visualização dos locais a que se referem às teses em questão.

AUTO-AVALIAÇÃO



1. Esta aula é suficiente para eu entender o que seja uma proto-língua?
2. Segundo o texto que acabo de ler, as línguas: grego, latim e sânscrito integram um mesmo tronco genético?
3. Para a minha compreensão sobre a origem de várias línguas faladas atualmente na Europa, este texto me parece suficiente?

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1976.

ELIA, Sílvio. **Preparação à lingüística românica**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FARIA, Ernesto. **Fonética histórica do latim**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

NETO, Serafim da Silva. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1972.